

Cartel de leitura do Seminário de Jacques Lacan

LES NON-DUPES ERRENT

(1973-1974)

Filipe Pereirinha¹

Um cartel é um grupo de trabalho, na terminologia lacaniana, composto por um mínimo de três e um máximo de cinco elementos, ao qual acresce «Mais-um», o qual tem por função levar os demais elementos a produzir algo - cabendo a cada um a responsabilidade do produto em causa -, ao mesmo tempo que faz «des-consistir» os efeitos imaginários (de liderança, de amor, de ódio...) que são inerentes a todo o grupo. Ao «Mais-um» compete ainda dissolver o grupo quando as condições de trabalho se mostram impeditivas da prossecução do mesmo. Tal como acontece numa estrutura “borromeana”, quando o «Mais-um» se vai, todos os restantes elementos se desligam.

Durante o ano de 2011-2012, dois cartéis estiveram em funcionamento na ACF-Portugal: um intercartel internacional (no âmbito da preparação do Congresso da New Lacanian School, em Telaviv, subordinado ao tema: «Ler um sintoma») e um cartel de leitura do Seminário XXI de Lacan (*Les non-dupes errent*).

Tratava-se, em ambos os casos, de ler algo: um sintoma, um seminário. Só podemos ler algo porque isso está escrito. Conceber o sintoma como algo que é do domínio da letra, da escrita, e não apenas da ordem da fala, pressupõe um certo «giro» no ensino de Lacan. Com efeito, mesmo se a escrita está presente desde o início, é sobretudo nos últimos anos que Lacan põe cada vez mais em destaque a função (real) da letra por oposição quer aos efeitos de sentido (imaginários), quer à dimensão simbólica da fala, do significante.

Em consonância, tratava-se de ler o seminário *Les-non dupes errent* o mais possível ao pé da letra, evitando assim precipitar-se nos efeitos de sentido que tendem geralmente a curto-circuitar a leitura. É também esta a advertência de Lacan, repetida igualmente neste seminário, para que não se compreenda demasiado depressa. Evidentemente, não

¹ Membro da ACF e do Cartel de leitura do Seminário X.

compreender demasiado depressa e procurar ler o mais possível ao pé da letra tem um preço: o trabalho é mais lento, mais demorado. Foi também este o caso, sendo que apenas se leram as primeiras cinco lições do seminário de Lacan.

Cada lição apresenta as suas dificuldades. A dificuldade significa que há aí arestas, asperezas...que manifestam a presença de uma «real». Diferentemente da «compreensão» rápida (em sobrevoo), a “letra” de Lacan resiste, obrigando a um esforço continuado por parte de cada um dos seus leitores. Além do mais, ler Lacan não significa aceder a uma teoria «fechada», mas um verdadeiro laboratório de investigação, digamos assim, que se reata a cada escrito, a cada seminário. A dificuldade é assim, também, a maior virtude deste ensino: não deixar o leitor descansar em paz, pois mesmo quando Lacan retoma os mesmos conceitos, quase nunca se trata da mesma coisa, do mesmo enfoque.

1. Lição de 13 de novembro 1973

É o que acontece, desde logo, na lição inaugural do seminário *Les non-dupes errent*. Se bem que haja aqui uma equivalência homofónica (pois *les non-dupes errent* soa da mesma forma que *les noms du père*), o que importa neste momento, para Lacan, é o deslize que o equívoco permite introduzir.

O primeiro ensino de Lacan (iniciado nos anos cinquenta) tinha como esteio o *Nome-do pai* enquanto significante fundamental. A formalização a que ele submete a obra de Freud tem neste significante uma das suas molas ou eixos principais. Todavia, Lacan não de detém aí, acabando por pluralizar o termo num seminário interrompido prematuramente e de que só restou, por isso, uma única lição: *Os nomes do pai* (*les noms du père*). Lacan faz «passe» do (im)passe em que ficara a questão na altura para a retomar agora, alguns anos mais tarde, de uma outra forma. Antes de dizer, como acontece num dos seminários seguintes, que o pai é redutível a «um sintoma» (Cf. *Le Sinthome*, 1975-1976), ele joga neste seminário com o equívoco (os não-enganados erram) para fazer ecoar (entre outras coisas) o «R» de real.

Mas não é só o «real» que tem importância neste momento do ensino de Lacan; daí que ele não deixe de sublinhar que o imaginário tem igualmente importância, sendo uma dimensão como as outras. As três categorias (Simbólico, Imaginário e Real) são

estritamente equivalentes. Não se trata aqui, como outrora, de postular a primazia de uma dimensão (por exemplo o simbólico) relativamente às demais, mas de ver como é possível que elas, sendo equivalentes e heterogêneas umas em relação às outras, se achem ou possam permanecer atadas entre si.

Além do «R» (de real) que se pode escutar no equívoco do título *Les non-dupes errent*, há também a «errância», no sentido da deambulação, da viagem. Há até mesmo aqueles que consideram que a vida não é mais do que uma viagem. Lacan pensa que esses são duplamente enganados, pois, embora sendo, como todos nós, determinados pela estrutura (inconsciente), a mesma que Freud não deixou de pôr em evidência, agem como se não fossem enganados (*non-dupes*) por ela. Eis porque Lacan conclui esta primeira lição dizendo que é preciso ser *dupe*, isto é, colar à estrutura. É uma primeira aproximação, uma primeira resposta.

2. Lição de 20 novembro 1973

Mas será que o próprio Freud não «errou», isto é, não se deixou enganar?

Em vez de recuar perante a questão, Lacan pergunta abertamente qual teria sido o erro/a errância de Freud. Segundo Lacan, o erro/a errância de Freud consistiu na tentativa de tornar o discurso analítico adequado ao discurso científico.

A questão é tanto mais pertinente e atual quanto a ciência se tornou hoje praticamente no único argumento de autoridade. Ela apresenta-se como a via régia, a via por excelência (quando não exclusiva) de acesso ao real. Desde logo porque opera através da escrita matemática, não se deixando enganar (*non dupe*) pelos equívocos inerentes à fala. Importa dizer que Lacan procura, até certo ponto, aproximar-se desta via *literal*, deste rigor matemático, escrevendo o «discurso analítico» por meio de quatro letras: *a*, *S*, *S1*, *S2*. Também ele visa, até certo ponto, libertar a psicanálise da ganga imaginária (dos efeitos de sentido que aí se produzem inevitavelmente) para que esta possa aceder ao real (por exemplo o real da angústia, que não engana, ou do sintoma, que insiste ou persiste para alguém ou além do que se diz sobre ele). É por isso que para Lacan não se trata de ser *dupe*, isto é, de colar ou deixar-se enganar pelas ideias (muito menos pelas suas, como adverte), uma vez que, no discurso analítico, não estão em causa ideias, mas «letras».

pp. 73-78

Não deixa por isso de ser algo estranho, pelo menos a uma leitura apressada, que Lacan se interesse, nesta lição, por um texto de Freud que parece ir ao arrepio de tudo isto. É um texto sobre sonhos: «A significação oculta dos sonhos» (*Die oculte Bedeutung des Traumes*).

O sonho é abordado aqui não apenas do ponto de vista da «comunicação» (o que o sonhador comunica ao Outro), mas também, e antes de mais, pela sua função de «cifragem» do gozo pulsional. O sonho é uma forma (entre outras) de «tratar» esse gozo, esse «impossível» com que tem de lidar o sujeito.

Mas porquê «significação oculta»? Como situar o «oculto» em Freud? A que procura responder (ou de que visa acercar-se) aquilo que Freud nomeia como «oculto», na falta de outro nome mais conveniente?

3. Lição de 11 dezembro 1973

O nome mais conveniente para nomear aquilo de que se trata é, segundo Lacan, o termo Real. O Real é o que Freud chama «oculto». Daí que, segundo Lacan, a boa forma de ser *dupe*, a que não erra (pois não basta ser *dupe* para não errar) é a que é *dupe* do real. Deixar-se enganar pelo real, por assim dizer, porque este nos desengana.

É evidente que há aqui algo da ordem de uma «nomeação», de um batismo a ter em conta: é preciso nomear o real para que ele exista. Eis o «ato da fala» de Lacan: «Batizo-te real porque, se não existisses, seria preciso inventar-te. Foi por isso que eu te inventei».

O real de que se trata na psicanálise de orientação lacaniana não é, portanto, redutível ao real da ciência. No real da ciência, por exemplo, o modo como um óvulo e um espermatozoide se «relacionam» para dar origem a um novo ser é suscetível de escrever-se; no que diz respeito ao ser falante, pelo contrário, esta «relação» (supostamente natural e adequada) não cessa de não se escrever (como Lacan dirá um pouco mais à frente, na lição de 8 de janeiro de 1973). Daí que os relacionamentos tenham de passar por um outro tipo de elos, a saber, os “nós”: como o nó borromeano, o nó olímpico ou outros. A diferença entre um nó borromeano e um nó olímpico (diferença que permite a Lacan, por exemplo, demarcar a neurose da psicose, embora não seja a última palavra de Lacan sobre o assunto), é que basta, no primeiro caso, que

um elo se desate para que todos os restantes se soltem (nó borromeano), enquanto no chamado nó olímpico, mesmo se um elo se desata, os outros dois permanecem ligados.

Quando falamos de nó borromeano não estamos do domínio da ontologia (pois este não tem qualquer espécie de ser, como sublinha Lacan), nem mesmo da geometria no sentido euclidiano do termo, mas antes no domínio da topologia. A Topologia interessa a Lacan porque ela permite abordar de outra forma o espaço, em particular o espaço «habitado» pelo sujeito falante, um espaço onde cada sujeito tem de tecer, com base nos recursos que lhe são dados, o seu próprio nó. Se «não há relação sexual» (isto é, entre os sexos) naturalmente estabelecida (contrariamente ao que acontece entre o óvulo e o espermatozoide, melhor dizendo, ao que acontecia antes da procriação medicamente assistida), os «nós» (do amor, da amizade, do sintoma...) têm de ser inventados, de forma mais ou menos contingente, para lhe fazer face.

Tecer um nó demora o seu tempo. Mesmo se a topologia tem a ver com o espaço, tempo e espaço atam-se aqui na medida em que, segundo Lacan, talvez o tempo não seja mais do que isto: a «etrinidade» (*étrinité*) do espaço.

Lição de 18 dezembro 1973

A palavra *étrinité* condensa duas outras: «eternidade» (que se articula com o tempo) e «trindade» (que remete para a forma como as três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo, sendo embora diferentes, são a mesma, segundo a tradição religiosa católica).

O interesse de Lacan pela religião, em particular a religião católica, prende-se nesta altura com o facto de, segundo ele, ela ter “inventado” esta coisa sublime que é a trindade: como é que três, sendo embora diferentes e heterogéneos, são o mesmo ou – de uma forma mais lacaniana - se podem manter juntos? É o problema “borromeano” por excelência: como é que o Real, o Imaginário e o Simbólico, sendo categorias diferentes, se atam entre si? Se basta que uma qualquer se solte para que as outras duas se desprendam, qual delas, em cada caso, permite fazer a «mediação», isto é, que a trindade se aguenta?

No caso do cristianismo, por exemplo, o amor tem uma grande importância porque ele é concebido como o «meio» (*moyen*), o elo de ligação entre o Pai e o Filho. Lacan faz algumas incursões, nesta lição, pelo amor, voltando em particular ao célebre «Amarás o

teu próximo como a ti mesmo» (que tanta dor de cabeça tinha dado a Freud), não sem fazer equivocar o amor (*amour*) com o «muro» (*mur*). Podemos escutar aqui o eco de um velho texto de Lacan onde ele cita um poema de Antoine Tudal que rezava assim: «Entre o homem e o amor existe a mulher./Entre o homem e a mulher existe um mundo./Entre o homem e o mundo existe um muro.» (Cf. “Função e campo da fala e da linguagem”, *Escritos*). Entre o amor e o muro, diríamos nós, com Lacan, «cada um tece o seu nó».

Lição de 8 de janeiro de 1973

É também uma espécie de «carta de a-muro» (*lettre d’(a)mur*) que Lacan endereça a cada um de nós, leitores deste seminário. Não há carta senão por meio da letra (*lettre*). E uma letra não é a mesma coisa que uma palavra. Daí a advertência de Lacan, que nos diz procurar neste ano que não se confundam as palavras (*mots*) com as letras (*lettres*), pois é através das letras que se funda quer o «necessário» (o que não cessa de se escrever, por exemplo o sintoma), quer o «impossível» (o que não cessa de não se escrever, por exemplo a relação entre os sexos) ou, até mesmo, o «contingente», isto é, o que cessa de não de escrever (onde Lacan coloca, por exemplo, o amor).

A letra é uma via por excelência para aceder àquilo de que Lacan procura acercar-se ao longo deste seminário: o Real. Foi também a aposta do nosso cartel este ano: ler ao pé da letra para assim ter a chance de aceder ao «real» (nomeadamente, o real do texto lacaniano, que é sem dúvida um texto difícil) para além de uma leitura apressada que tenda a compreender demasiado depressa.

A cada um a responsabilidade de dizer até que ponto e em que medida foi tocado por este real, por um pedaço de real que seja.